

O ACUSATIVO PREPOSICIONADO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO*

Alba Verona Brito GIBRAIL

RESUMO *Nas gramáticas românicas modernas, o acusativo preposicionado é legitimado em dialetos provençais e italianos, no espanhol peninsular e dialetos e no romeno.*

Dessas gramáticas, é no espanhol e dialetos e no romeno que o uso do acusativo preposicionado é regular e autorizado em contextos mais abrangentes.

Os estudos que se têm ocupado em descrever a origem e a evolução desse tipo de ocorrência nas línguas românicas apresentam dados que indicam sua presença já em textos medievais, embora seu uso se apresente de modo irregular (cf. Lois, 1982).

Dados levantados de trinta e oito textos do Corpus Tycho Brahe de autores portugueses nascidos entre 1502 e 1845 revelam ter sido o acusativo preposicionado também de domínio do português clássico.

O português clássico legitima estruturas de acusativo preposicionado nos mesmos contextos de sua formação no espanhol e romeno modernos. Entretanto, no português europeu, o acusativo preposicionado exhibe um comportamento evolutivo diferente do comportamento observado naquelas gramáticas. No português europeu moderno, objetos diretos preposicionados são assinalados em limitados casos: antes de pronomes pessoais tônicos; antes dos pronomes ambos e todos; na expressão um ao outro, na expressão tradicional amar a Deus (cf. Teyssier, 1989: 341).

Palavras-chaves Português Clássico; Redobramento de clítico; C – comando; Referencialidade; Língua V2; Spec CP.

ABSTRACT *In the modern romanian grammar, the prepositional accusative is attested by the provençal and italian dialects, in Spanish and dialects and in Romanian.*

* O Corpus Tycho Brahe é um corpus eletrônico pertencente ao Projeto Temático da FAPESP: Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Gramatical, coordenado pela Profa Dra Charlotte Marie C. Galves.

Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 18 de fevereiro de 2003, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Charlotte M. C. Galves.

From these grammars, it's in Spanish and in some dialects and in Romanian that the usage of the prepositional accusative is regular and authorized in more extensive contexts.

The works that describe the origin and the evolution of this kind of occurrence in the romanic languages present data that indicate its usage in texts from the Middle Ages already, although its usage was presented in a irregular way (cf. Lois, 1982).

Data from thirty – eight texts from the Corpus Tycho Brahe from portuguese authors that were born between 1502 and 1845 show the prepositional accusative in the Classical Portuguese.

The Classical Portuguese legitimates the prepositional accusative in the same contexts of its formation in the modern Spanish and in Romanian. However, in the European Portuguese the prepositional accusative shows a different developing behavior from the one observed in those grammars. In the Modern European Portuguese, prepositional direct objects are determined in limited cases: before stressed personal pronouns, before the pronouns both and all, in the expression each other, in the tradicional expression love God (cf. Teyssier, 1989 : 341).

Keywords Classical Portuguese; Clitic doubling; C – comand; Referenciality; V2 languages; Spec CP.

1. INTRODUÇÃO

Diferentemente do comportamento do espanhol e romeno, línguas que apresentam evolução no uso e nos contextos de formação do acusativo preposicionado a partir do séc. XVI, os dados dos autores do Corpus Tycho Brahe que formam o corpus desta pesquisa indicam não haver regularidade na formação desse tipo de estrutura no português clássico ao longo dos séculos.

A não regularidade no uso do acusativo preposicionado naquela gramática é verificada tanto quanto à frequência de ocorrência quanto aos contextos de sua formação.

A pesquisa revela a coocorrência de estruturas variantes não preposicionadas legitimadas nos mesmos contextos de formação do acusativo preposicionado. Há formação concomitante de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado em orações raízes e encaixadas projetadas nas ordens V S O / V O; O V S / O V; S V O com objetos nomes de pessoas, nomes próprios títulos de nobreza e função, pronomes de tratamento, quantificadores, nomes quantificados e nomes comuns.

Observamos haver nestes dados dois tipos de estruturas de variação. Há estruturas de variação motivadas por mudanças na diacronia de restrição de formação do acusativo preposicionado no português clássico e há estruturas de variação motivadas por restrições sintático – semânticas de inserção da preposição assinaladas na própria estrutura oracional.

(1) Variante preposicionada

1. ... quero convencer a Vossa Reverendíssima e mostrar-lhe ... (L. de Sousa; séc. XVI; p. 43).
2. Vem mais alguns Monsiures a servir a el Rey nosso Senhor nestas guerras (M. de Galhegos; séc. XVI; p. 17)
3. E entretanto despacha um barco a Lisboa a avisar a Sua Majestade (A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 111)
4. Foi Deus servido de me dar alguma luz, com que de muitas maneiras pudesse servir ao Príncipe e a pátria (F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 127)
5. ... queria matar a ElRey, para cazar com o Papa ... (M. do Céu; séc. XVII; p.187)

(2) Variante não preposicionada

6. ... se quiserem matar elRey, não sejam nobres, nem elles, nem seus filhos para sempre ... (A Brandão; séc. XVI; p. 122)
7. Estará à vela no pôrto de Texel de aqui a quinze dias, para se poder embarcar o embaixador Francisco de Andrada ... (A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 174)
8. ... pela sua mão é que deveriam passar as somas, e seja a minha vida e a de meus filhos a hipoteca, se tanto é preciso, para servir o Príncipe – único e sagrado objecto de todo o meu zêlo. (M. de Alorna; séc. XVIII; p. 120)
9. Tomara que o Céu deparasse alguém mais hábil que eu para servir bem o Príncipe e a causa justa da Monarquia ... (M. de Alorna; séc. XVIII; p. 157)

Estas duas formas variantes de estruturas acusativas formadas nos mesmos ambientes sintáticos são assinaladas no corpus em textos de autores nascidos em períodos diferentes e também no texto de um mesmo autor.

Diogo Couto, nascido em 1542, Alexandre Gusmão, nascido em 1695 e Almeida Garrett, nascido em 1799, apresentam em seus textos ocorrências de acusativo preposicionado e não preposicionado formadas nos mesmos contextos. Nestas ocorrências, objetos com o estatuto de nomes de pessoas, precedidos ou não de títulos e pronomes de tratamento, realizados em orações raízes e encaixadas projetadas nas ordens V S O / V O, são contextos de variação.

(3) Variante preposicionada

10. ... e por uma Provisão que levava do Viso-Rei, nomeou a seu lugar a Gil de Castro ... (D. Couto; séc. XVI; p. 15)
11. Partida esta Armada, despachou o Governador a Dom João Mascarenhas pera ir entrar na Capitania de Dio ... (D. Couto; séc. XVI; p. 174)
12. Deus guarde a Vossa Ilustríssima Reverendíssima (A. Gusmão; séc. XVII; 27)
13. Não tenho certeza de inconstar a Vossa Excelência ésta tarde (A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 39)
14. Muita satisfação de vêr a vossa senhoria em Lisboa. (A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. 25)
15. Sou capitão de ordenanças, á falta d'elles, para servir a sua mercê. (A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p.)

(4) Variante não preposicionada

16. ... e a sua náó Sant-Iago fez dela Capitão Dom Francisco de Noronha ... (D. Couto; séc. XVI; p. 2)
17. Aceitados os partidos, ficaram esperando pelo Meale, e entretanto despedio o Governador Diogo de Reinoso pera o Estreito de Meca em um navio de remo muito ligeiro ... (D. Couto; séc. XVI; p. 109)
18. Deus guarde Vossa Senhoria Reverendíssima ... (A. Gusmão; séc. XVII; p. 32)
19. ... que obrigassem Vossa Alteza a Levantar imediatamente o interdito, para mostrar-se officioso em servir Vossa Excelência (A. Gusmão; séc. XVII; 40)
20. ... me ordena o dito Senhor que avise Vossa Senhoria para que se empenhe com a maior eficácia com o Governador de Buenos Aires a favor de Feliciano Velho Oldemberg ... (A. Gusmão; séc. XVII; 54)
21. ... prompto em que eu tenha a fortuna de encontrar Vossa Excelência (A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 49)
22. Muito gosto tenho em conhecer sua mercê; e desejo que Deus o ajude em todas as suas obras. (A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. 114)

A coocorrência no corpus de estruturas variantes sem preposição, formadas nos mesmos ambientes sintáticos de formação do acusativo preposicionado, reflete a presença de duas gramáticas diferentes nos textos desses autores : uma gramática que legitima o acusativo preposicionado e outra, que exclui este tipo de estrutura.

A atuação maior ou menor da gramática formadora do acusativo preposicionado nestes textos é o fator que explica a variação na frequência de uso da variante preposicionada ao longo dos séculos.

2. O USO DO ACUSATIVO PREPOSICIONADO NO PORTUGUÊS CLÁSSICO

A pesquisa mostra que o uso do acusativo preposicionado no português clássico evolui da primeira para a segunda metade do séc. XVI. Nos textos dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, a variante não preposicionada tem frequência maior de ocorrência do que a variante preposicionada.

A frequência maior de ocorrência da variante não preposicionada indica o domínio maior da gramática não formadora do acusativo preposicionado no português daquele período. Por outro lado, a presença da variante preposicionada nesses textos indica o estabelecimento na língua da gramática formadora do acusativo preposicionado.

(5) Variante preposicionada

23. ... e debes de louvar a Noso Senhor, pois se com yso ouve por servido ... (D. João III; séc. XVI; p. 115)
24. ... para que sempre com muyta lealdade sirva como escravo catiuo ao Principe do grande Portugal, vosso & nosso senhor & Rey ... (F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 65)
25. Mas os santos e apostolos e martyres quem os quizer bem pintar, emite ao seu capitão e Nosso Salvador, que nenhuma outra regra lhes posso para isso
26. ... sendo eu moço e servindo ao Infante Dom Fernando e ao serenissimo Cardeal Dom Afonso, meu senhor. (F. de Holanda; séc. XVI; p. 87)
27. instituo por herdeiro de meus Reinos, e por meu Testamenteiro a ElRei de Portugal, cujo vassalo sou ... (D. Couto; séc. XVI; p.177)

(6) Variante não preposicionada

28. Nosso Señor por muytos tempos comserve vossa Sanctidade a seu sancto serviço. (D. João III; séc. XVI; p. 6)
29. Encomendovos muyto que mandeis chamar Francisco Mendez ... (D. João III; séc. XVI; p. 95)
30. E a maravilha foi, que ali onde o Rei de Zeilá degolou Dom Christovão ... (D. Couto; séc. XVI p. 49)

31. Tanto que os Mouros viram o seu Rei daquela maneira, começaram-se a pôr em desbarato (D. Couto; séc. XVI; p. 77)
32. O Governador recebeu Diogo da Silveira ... (D. Couto; séc. XVI; p. 106)

Na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, o acusativo preposicionado é realizado com maior regularidade, sendo formado em contextos mais abrangentes. Os dados de autores nascidos naquele período apresentam frequência maior de ocorrência da variante preposicionada, formadas com objetos nomes de pessoas sem determinante, nomes próprios títulos, pronomes de tratamento, nomes Deus / Cristo sem determinante e quantificadores.

A frequência maior da variante preposicionada nos textos desses autores retrata o domínio maior da gramática formadora do acusativo preposicionado.

Nesses textos, observamos haver também frequência maior de ocorrência de estruturas variantes sem preposição formadas pela gramática que legitima o acusativo preposicionado. Restrições sintático – semânticas verificadas na própria estrutura acusativa dão conta de explicar a não inserção da preposição.

(7) Variante preposicionada

33. E não contente com seu damno, convidou a nosso Padre Adam ... (B. de Brito; séc. XVI ; p. 33)
34. ... como o teve Abraham de seus criados & amigos, quando desbaratou a Nino o Moço ... (B. de Brito; séc. XVI; p. 237)
35. ... e disse que o senhor Ene estimara muito aquela ocasião para mandar visitar a sua Majestade. (F. Rodrigues Lobo; 2ª metade do séc. XVI; p. 90)
36. Despachou elRey nosso Senhor ao Conde da Vidigueira por embaixador de França para assistir na corte de Paris. (M. de Galhegos; séc. XVI; p. 3)
37. ... e não tive então aqui nem a Ene , que suprisse a falta que eu fazia, sendo já todos fora ... (F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 51)
38. ... mandou chamar a Dom Duarte de Castello Branco seu cunhado, marido de sua segunda irmã Dona Luiza de Mendoça ... (M. do Céu; séc. XVII; p. 139)

(8) Variante não preposicionada

- 39 Logo pera a terceira sexta-feira convidou o Arcebispo muitos prelados italianos ... (L. de Sousa; séc. XVI; p. 181)

- 40 Chamou logo o Senhor Rey os Bispos, os nobres, & os procuradores ... (R. Lobo; séc. XVI; p.119)
- 41 Imitarão elles bem os fieis vassallos do poderoso Rey, & profeta Santo ... (A Brandão; séc. XVI; p. 204)
- 42 ... certo he que não he mayor o poder nos Reys, para condenarem por traydores os vassallos... (M. da Costa; séc. XVII; p. 152)
- 43 Por muytas vezes vio em esta clara noite os Anjos da gloria animados, e vistidos de luzes ... (M. do Céu; séc.XVII; p. 160)
- 44 ... vio a Madre Elena o santo animado ... (M. do Céu; séc.XVII; p. 160)

No séc. XVIII, ocorre uma mudança. A freqüência de ocorrência do acusativo preposicionado diminui. Os dados dos autores nascidos naquele século apresentam ocorrências em freqüência menor de estruturas acusativas nas ordens V S O / O V (S) / V O S .

Em seus dados, há freqüência maior da variante não preposicionada, formada em contextos que legitimam apenas o acusativo preposicionado no período precedente. Nas ordens S V O / V O, objetos nomes de pessoas sem determinante, títulos, pronomes de tratamento, nomes quantificados e nomes comuns são contextos de variação.

Diferentemente do comportamento verificado nos dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, nos quais a competição entre as duas gramáticas é motivada pelo estabelecimento na língua da gramática formadora do acusativo preposicionado, nos dados dos autores nascidos no séc. XVIII, a competição entre as duas gramáticas reflete o estabelecimento na língua da gramática que não legitima o acusativo preposicionado.

(9) Variante preposicionada

- 45 ... dizer que quero chorar pelo que ver a Vossa Mercê calado ... (A Costa; séc. XVIII; p. 55)
- 46 Perguntou-lhe Mitridates se poderia ver a Natan. (C. de Oliveira; séc. XVIII; p 191)
- 47 ... para ter o gosto de servir a Vossa Senhoria eu mando partir sem demora alguma o Ajudante do Castello (D. Ignacio de Pina Manique; séc. XVIII; p. 61)
- 48 No proprio dia em que sahi de Bruxellas para ter a honra de acompanhar a Sua Alteza Real o Principe Dom Augusto ... (A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 116)
- 49 Meu pae é que o não entende assim: e eu não sei como hei de avisar a Duarte. (A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p.7)

(10) Variante não preposicionada

- 50 Vossa Mercê repararia em eu meter no rol Tomás Cipriano... (A Costa; séc. XVIII; p. 51)
- 51 ... talvez lá como em Roma, que eu torcia as orelhas, e não me deitavam sangue, por não ter querido servir o Senhor Visconde de Vila Nova ... (A Costa; séc. XVIII; p. 106)
- 52 Escutai Ovídio. Não, creiais, diz ele, determinar uma mulher a que vos ame dando-lhe um filtro. (C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 72)
- 53 Muitos, querendo imitar Virgílio, fazem uma má tradução desta ou daquela imagem de tão grande poeta; e escravos de suas palavras não passam de tradutores. (C. Garção; séc. XVIII; p. 133)
- 54 Salvar Vossa Alteza Real dos riscos e dos desastres de que o via ameaçado ... (M. de Alorna; séc. XVIII; p. 186)
- 55 ... prompto em que eu tenha a fortuna de encontrar Vossa Excelência (A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 49)

No séc. XIX, o acusativo preposicionado deixa de ser um fenômeno lingüístico do português europeu. Nos dados de autores nascidos naquele século, a variante preposicionada é encontrada em restritas ocorrências, fato este que indica o domínio na língua da gramática não formadora do acusativo preposicionado.

(11) Variante preposicionada

- 56 ... vi que no preambulo calumniava indignamente a ElRei D. João VI e aos fidalgos (M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 84)
- 57 ... fez com que Sua Magestade nos nomeasse por tutor ao Desembargador José Guilherme de Miranda ... (M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 68)
- 58 Para defender a Vossa Alteza ... (M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 112)
- 59 ... e sobre a estrada de Mafra o de cavalaria de Alcantara para escoltar a Sua Alteza (M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 31)
- 60 Basta dizer que tem constantemente na gare dois criados, com a libré do hotel agaloada de prata e o bonet com um grande letreiro a ouro, encarregados de servir aos hóspedes ... (R. Ortigão; séc. XIX; p. 145)

(12) Variante não preposicionada

- 61 Logo que avistei Sua Alteza, tremi de medo... (M. da F. e d'Alorna; séc. XIX; p. 9)

- 62 ... só me recordo do grande prazer que tive quando tornei a vêr meus irmãos ... (M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 10)
- 63 ... e corre a Queluz para informar Sua Alteza de que a diligencia estava ultimada com o melhor exito. (M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 16)
- 64 ... entendeu que a circumstancia mais opportuna para abandonar o seu Rei e as suas bandeiras .. (M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 85)
- 65 ... o castelhano que entrou em Portugal a servir el-rei Dom Fernando ... (C. Castelo Branco; séc. XIX; p.)
- 66 O vigário recusou-se e avisou Cristóvão de Queiroz, pai do cadete. (C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p.).

3. A NATUREZA V2 DA GRAMÁTICA FORMADORA DO ACUSATIVO PREPOSICIONADO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO

A pesquisa mostra que o português clássico legitima estruturas transitivas projetadas nas ordens (X) V S O / (X) V O ; / O V S / O V , que apresentam ou não o sujeito expresso posição pós – verbal e um constituinte qualquer, diferente do sujeito, em posição pré – verbal.

A formação de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado em orações raízes projetadas nas ordens (X) V S O / (X) V O , nas quais o elemento (X) tem o estatuto de um sintagma adverbial, sintagma preposicional e/ou oração de valor adverbial torna patente a atuação de uma gramática de natureza V2 na formação dessas ocorrências (Roberts, 1993; Ribeiro, 1995).

(13) Variante preposicionada

- 67 Despedido Simão Botelho, despachou o Governador a Dom Manoel de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim (D. Couto; séc. XVI; p. 72)
- 68 E vindo dia de Natal, mandou convidar a Coge Cemaçadim pera lhe dar um banquete ... (D. Couto; séc. XVI; p. 165)
- 69 Partida esta Armada, despachou o Governador a Dom João Mascarenhas pera ir entrar na Capitania de Dio ... (D. Couto; séc. XVI; p. 174)
- 70 ... & aos cincoenta & quatro teve Sarug a seu filho Nachor ... (Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 65)
- 71 Com semelhantes sentenças exortava o santo anacoreta a Eulógio ... (M. Bernardes; séc. XVII; p. 162)

(14) Variante não preposicionada

- 72 Feita esta cerimônia, despachou o Governador logo Luiz Falcão Pereira, para ir entrar na fortaleza de Ormuz ...(D. Couto; séc. XVI; p. 128)
- 73 Vendo Dom Jorge a resposta do Villa-Lobos, despedio logo Belchior Fernandes Correa em três corocoras, e com êle um Tabelião ... (D. Couto; séc. XVI; p. 12)
- 74 Chegados a Sanguicer, recolheo Coge Cemaçadim tôda sua família em navios. (F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p.119)
- 75 Partido o Aleixos de Carvalho, mandou ElRei logo alguns Capitães sobre as fortalezas de Menejão, e Mináo ... (F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p.136)

5. O ACUSATIVO PREPOSICIONADO E O REDOBRAMENTO DE CLÍTICO: ESTRUTURAS VARIANTES DE UM MESMO FENÔMENO LINGÜÍSTICO

Há no português clássico a realização de uma outra forma variante de estrutura de acusativo preposicionado. Trata-se das estruturas de redobramento de clítico acusativo.

Concomitantemente à realização do acusativo preposicionado, os dados apresentam ocorrências de estruturas de redobramento de clítico acusativo e dativo, formadas com pronomes pessoais, pronomes de tratamento e sintagmas nominais.

Tendo o objeto redobrado o estatuto do pronome indefinido todos, há formação apenas de estrutura de redobramento de clítico acusativo.

No corpus, o redobramento de clítico acusativo tem frequência maior de ocorrência com pronomes pessoais e com o pronome indefinido todos. Sendo o objeto redobrado representado por pronomes de tratamento e/ou sintagmas nominais, os dados indicam restritas ocorrências com clítico acusativo. Com objetos dessa natureza, há frequência maior de ocorrência de redobramento de clítico dativo.

Apresentando na diacronia o mesmo comportamento do acusativo preposicionado, as estruturas de redobramento de clítico acusativo são assinaladas nos dados de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI também em poucas ocorrências. Nesses dados, encontramos estruturas de redobramento de clítico acusativo com pronomes pessoais e com o pronome indefinido todos. A manifestação maior desse tipo de ocorrência é assinalada nos textos de autores nascidos entre 1556 – 1675.

Nos dados de autores nascidos no séc. XVII, encontramos ocorrências de redobramento de clítico acusativo e dativo com pronomes de tratamento e sintagmas nominais.

Embora haja nos textos de autores nascidos no séc. XVIII formação de estruturas de redobrimento de clítico acusativo e dativo, inclusive com pronomes de tratamento e sintagmas nominais, observamos haver em seus textos declínio no uso dessas estruturas.

Nos dados de autores nascidos no séc. XIX, o uso de estruturas de redobrimento de clítico acusativo é restrito.

(15) Com pronomes pessoais

- 76 ... em que me affirmaraõ que matara mais de mil de vosoutros, afora a presa riquissima que tomou nellas, logo foy para elle me destruyr a mim ... (F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 52)
- 77 ... onde o poriam a êle ... (Couto; séc. XVI; p. 119)
- 78 ... donde resultou amaldiçoalo a elle & sua geração, & lançar a benção a Sem & Japhet, que vendoo mal composto acudirão ao cubrir ... (B. de Brito; séc. XVI; p. 48)
- 79 Deus nos guarde a nós. (A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 170)
- 80 ... que também nos sacrificou a nós ... (M. de Alorna; séc. XVIII; p. 166)
- 81 Difamá-los na sua presença era afrontarem-no a ele (C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p.)

(16) Com o pronome indefinido todos (as)

- 82 ... e achei-os a todos tão senhores d'isso ... (F. de Holanda; séc. XVI; p. 87)
- 83 ... porque o desejo de socorrer a seus naturaes, os incitava a todos a tomar as armas ... (B. de Brito; séc. XVI; p. 195)
- 84 ... que depois de os tripularem a todos, os alojarão em prisidios fechados, (M. de Galhegos; séc. XVI; p. 71)
- 85 ... para defender-se da multidão de riscos que nos levarão a todos ... (M. de Alorna; séc. XVIII; p. 165)
- 86 Invejo-vos a todos os que tendes filhos. (E. de Queiróz e O. Martins; séc. XIX; p. 148

(17) Com pronomes de tratamento

- 87 ... por servi-los e vê-los a Vossas Mercês ... (F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 130)
- 88 Quis a natureza orná-la a V. daquelas graças exteriores ... (M. de Alorna; séc. XVIII; p. 76)

89 Vê-lo eleito pelo Porto a Vossa Senhoria é um de nossos empenhos ...
(A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p.)

(18) Com sintagmas nominais

90 Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos ... (A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p.89)

91 Guarde-o Deus ao senhor Procopio, nosso amigo velho ? Ora guarde-o Deus, senhor vizinho ! (A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p.)

A semelhança dos contextos de formação de estruturas de redobrimento de clítico e estruturas de acusativo preposicionado, aliada à semelhança do período de manifestação de dessas construções, me permitem tomar como generalização serem essas estruturas formas variantes de realização de um mesmo fenômeno lingüístico.

Nessas considerações, proponho que as estruturas de acusativo preposicionado do português clássico são formas variantes de estruturas de redobrimento de clítico com clítico não fonologicamente realizado.

Assumo, de acordo com as análises apresentadas na Dissertação de Mestrado, a inserção da preposição por motivo de estabelecimento de uma relação de não C – comando. O estatuto de PPs dos objetos preposicionados lhes assegura a condição de elementos referenciadores do clítico, fonologicamente realizado ou não, em concordância com o princípio B da teoria de ligação.

Uma gramática de natureza V2 atuaria na formação dessas estruturas.

6. CONCLUSÃO

Apresentei neste artigo uma síntese do tema desenvolvido na Dissertação de Mestrado.

O levantamento de dados do Corpus Tycho Brahe de trinta e oito textos de autores portugueses nascidos entre 1502 – 1845 revela o uso do acusativo preposicionado no português clássico.

A presença concomitante de estruturas de variação nos dados desses autores mostra a não regularidade no uso desse tipo de estrutura naquela gramática ao longo dos séculos.

A constatação da coocorrência de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado, formadas em semelhantes ambientes sintáticos, me permite assumir a atuação de duas gramáticas em competição nos textos desses autores: uma gramática formadora das estruturas de acusativo preposicionado; outra, que não legitima este tipo de estrutura.

A legitimação de estruturas acusativas em configurações V2 denota ser esta a natureza da gramática formadora do acusativo preposicionado do português clássico.

Por outro lado, a formação concomitante de estruturas de redobramento de clítico, realizadas nos mesmos contextos de formação do acusativo preposicionado e em semelhantes períodos de manifestação, são evidências empíricas que corroboram para o assentamento da hipótese por mim levantada de serem essas estruturas formas variantes de um mesmo fenômeno lingüístico.

Nessas considerações, assumo as estruturas de acusativo preposicionado como formas variantes de estruturas de redobramento de clítico com clítico não fonologicamente realizado.

Atribuo a condição referencial dos objetos com o clítico, visível ou não na estrutura, à relação de não C – comando estabelecida com a inserção da preposição. O estatuto de PPs dos objetos preposicionados assegura a referencialidade desses elementos com o clítico em obediência ao princípio B da teoria de ligação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CYRINO, Sonia Maria L. (1994). O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático – diacrônico Tese de Doutorado. Unicamp.
- CHOMSKY, Noam. (1980). *On Binding*. Linguistic Inquiry, 11.
_____. (1982). *Lectures on Government and Binding*. Foris Publications. Dordrecht.
- COLE, Peter. (1987). *Null Objects in Universal Grammar*. Linguistic Inquiry, 18.
- DOBROVIE - SORIN, Carmen. (1987). *Syntaxe du Roumain: chaînes thematiques*. Thèse de Doctorat d'Etat.
_____. (1990). *Clitic Doubling, Wh-Movement, and Quantification in Romanian*. Linguistic Inquiry, 21, 351-397.
- GALVES, Charlotte Marie C. (2001). *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Ed. da Unicamp.
- GROPPI, Mirta. (1997). *Pronomes Pessoais no Português do Brasil e do Espanhol do Uruguai*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- HAEGEMAN, Liliane. (1991). *Introduction to Government and Binding Theory*. Blackwell Publishers.
- JAEGGLI, Osvaldo A. (1986). Three Issues in the Theory of Clitics: Case, Doubled NPs, and Extraction.
- JONES, Michael Allan. (1995). *The prepositional accusative in Sardinian: its distribution and syntactic repercussions*. In: Linguistic Theory and the Romance Languages, 122. 37-75.
- KATO, Mary. (1993). *The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese*. In: Current Issues in Linguistic Theory, 103. 225-234.
_____. (1994). *A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar*. In :R. Tracy and E. Lattey (eds.). *How Tolerant is Universal Grammar?* M. Niemeyer Verlag. Tübingen.
- LOIS, Ximena. (1982). *Sur L'Accusativ Prepositionnel*. Département de Linguistique Générale. Université de Paris VIII.

- MEIER, Harri. (1973). *Ensaio de Filologia Românica: Sobre as origens do acusativo preposicional nas línguas românicas*. Instituto Nacional do Livro. MEC.
- RAMOS, Jânia. (1992). *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil: uma abordagem gerativista e variacionista*. Tese de Doutorado. Unicamp.
- RAPOSO, Eduardo. (1986). *On the Null Object in European Portuguese*. In: *Studies in Romance Linguistics*. Foris Publications. Dordrecht – Holland /Riverton – U. S. A.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. (1928). *Gramática de la Lengua Española*. Librería y Casa Editorial Hernando (S.A.).
- REINHART, Tania. (1981). *Definite NP Anaphora and C-Command Domains*. *Linguistic Inquiry*, 12.
- RIBEIRO, Ilza. (1992). Evidence for a Verb-Second Phase in Old Portuguese.
 _____. (1995). A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2. Tese de Doutorado. Unicamp.
- ROBERTS, Ian. (1993). *Verb and Diachronic Syntax: A Comparative History of English and French*. Kluwer Academic Publishers.
- SUÑER, Margarita. (1988). *Null Definite Objects in Quiteño*. *Linguistic Inquiry*.
- TORREGO, Ester. (1998). *The Dependencies of Objects*. The MIT Press.